

Isabel Lourenço

*“Comprimento Médio de Enunciado em palavras e
em morfemas de crianças entre os 3 e os 5 anos de
idade”*



Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências da saúde

Porto, 2013

Isabel Lourenço

*“Comprimento Médio de Enunciado em palavras e
em morfemas de crianças entre os 3 e os 5 anos de
idade”*



Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências da saúde

Porto, 2013

Isabel Maria Lopes de Sousa Lourenço

*“Comprimento Médio de Enunciado em palavras e em morfemas de
crianças entre os 3 e os 5 anos de idade”*

Trabalho apresentado à Universidade Fernando

Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau

de licenciada em Terapêutica da Fala.

Docente Orientadora: Dr.^a Eva Antunes

SUMÁRIO

O Comprimento Médio de Enunciado é calculado através da divisão dos morfemas ou palavras pelos enunciados produzidos pela criança. A comparação do valor obtido na avaliação a um dado indivíduo com o valor de referência naquele local para determinada faixa etária, serve para observar o défice linguístico relativamente às expectativas para determinada idade.

O estudo apresentado tem como principal objetivo analisar o Comprimento Médio de Enunciado em morfemas e palavras de crianças dos 3 aos 5 anos de idade e relacionar os dados obtidos com três diferentes variáveis: idade, sexo e escolaridade dos progenitores.

A amostra foi constituída por 34 crianças, sendo que 12 tinham 3 anos, 9 tinham 4 anos e 13 tinham 5 anos de idade. No que diz respeito aos critérios de inclusão, pretendia-se que a língua materna fosse o Português Europeu, que não existissem diagnósticos clínicos atribuídos a condicionar a fala e linguagem da criança e que o seu local de residência fosse Amarante ou Felgueiras.

Os dados foram recolhidos através da aplicação do *Teste de Articulação CPUP: Sons em Palavras* e do contar de uma história a partir de três imagens cedidas de forma consecutiva. Através da análise dos resultados, concluiu-se que o Comprimento Médio de Enunciado em palavras e morfemas é uma medida evolutiva, estando relacionada com a faixa etária em questão e não possui associações estatisticamente significativas com o sexo dos avaliados e grau de escolaridade dos progenitores.

Os valores encontrados nesta pesquisa contribuem para a deteção de défices de linguagem e intervenção precoce, permitindo a comparação dos resultados da avaliação das crianças com os dados de referência aqui relatados.

Palavras-chave: Comprimento Médio de Enunciado em palavras; Comprimento Médio de Enunciado em morfemas; Linguagem.

ABSTRACT

The Average Length of Utterance is achieved by dividing the morpheme or words to the utterances produced by the child. The comparison of the value obtained in the evaluation of a given individual with the reference value at that location for a given age, aims to observe the linguistic deficit in relation to the expectations for certain age.

The main objective of the present study is to analyze the Average Length of Utterance in morphemes and words for children from 3 to 5 years old and to relate the data obtained with three different variables: age, sex and school education of the parents.

The sample was constituted by 34 children, 12 were 3 years old, 9 were 4 years old and 13 were 5 years old. Concerning the inclusion criteria, it was intended that the child had the European Portuguese as the mother tongue, there were no clinical diagnoses assigned to constrain the speech and language of the child and his place of residence was Amarante or Felgueiras.

Data were collected using the *CPUP's Test of Articulation: Sounds in Words* and through a story told from three images ceded consecutively. By analyzing the results, it was concluded that the Average Length of Utterance in words and morphemes is an evolutionary measure, related to the age group in question and has no statistically significant associations with sex of the children and educational level of the parents.

The values found in this study contribute to the detection of deficits in language and early intervention, allowing the comparison of the evaluation results of children with reference data reported here.

Keywords: Average Length of Utterance in words; Average Length of Utterance in morphemes; Language.

*“Cada sonho que deixas para trás
é um pedaço do teu futuro que deixa de existir.”*

Steve Jobs

AGRADECIMENTOS

- À Dr.^a Eva Antunes, não só pelo apoio prestado na elaboração deste projeto, mas também por ter sido sempre um exemplo de dedicação, entrega e profissionalismo ao longo de todo o curso;
- A todos os professores do curso, que humildemente partilharam os seus conhecimentos e se mostraram sempre disponíveis para ajudar;
- Ao Dr. Mehmet Yavas pela brevidade e atenção com que respondeu à solicitação efetuada;
- Ao Sr. Adriano Eliseu Giachini, coordenador de direitos autorais, pelos esclarecimentos prestados e pela atenção e tempo despendidos com o assunto;
- Às educadoras e auxiliares do jardim-de-infância, pela colaboração e simpatia demonstradas;
- Às crianças avaliadas, pelo empenho e cooperação;
- Aos Encarregados de Educação, pela oportunidade e confiança;
- À minha família, principalmente aos meus pais, por todo o apoio, carinho e dedicação;
- Ao João, por tudo aquilo que não se traduz em palavras;
- Ao Dinis, por ser a minha inspiração de todos os dias.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
1. COMUNICAÇÃO.....	4
2. LINGUAGEM.....	4
2.1. COMPONENTES DA LINGUAGEM.....	5
2.2. O COMPRIMENTO MÉDIO DE ENUNCIADO (CME)	6
2.2.1. VALORES DE REFERÊNCIA PARA CME	7
2.3. DESENVOLVIMENTO MORFOSSINTÁTICO	8
3. FATORES DE RISCO PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM.....	10
II. FASE METODOLÓGICA	13
1. OBJETIVO DO ESTUDO.....	13
2. TIPO DE ESTUDO.....	13
3. POPULAÇÃO ALVO E AMOSTRA	13
4. VARIÁVEIS.....	14
5. RECOLHA DE DADOS	16
5.1. MATERIAL	16
5.2. PROCEDIMENTOS	17
6. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS.....	20
III. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	21
IV. DISCUSSÃO	23

V. CONCLUSÃO	26
VI. BIBLIOGRAFIA	28
V. ANEXOS	31

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1: Consentimento informado à instituição

Anexo 2: Consentimento informado aos Encarregados de Educação

Anexo 3: Exemplo de folha de registo do Teste de Articulação CPUP: Sons em Palavras

Anexo 4: Autorização de um dos autores para uso de imagens

Anexo 5: Exemplo das folhas de registo da avaliação do discurso dirigido e pistas para induzir a nomeação

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – CME: 3, 4 e 5 anos de idade	8
Tabela 2 – Caracterização da amostra: idade e sexo	21
Tabela 3 – Caracterização da amostra: escolaridade mais elevada dos progenitores	21
Tabela 4 – Valores obtidos de CME em percentis	22
Tabela 5 – Comparação entre CME e sexo e escolaridade mais elevada dos progenitores.....	22

ABREVIATURAS DESDOBRADAS

CME – Comprimento Médio de Enunciado

CME_m – Comprimento médio de enunciado em morfemas

CME_p – Comprimento médio de enunciado em palavras

EME – Extensão Média de Enunciado

MLU – Mean Length of Utterance

PCC – Percentagem de Consoantes Corretas

SVO – Sujeito, Verbo, Objeto

INTRODUÇÃO

A elaboração do Projeto de Graduação faz parte do plano curricular do 3º ano do curso de Terapêutica da Fala, na Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Fernando Pessoa.

O tema deste trabalho surgiu devido à escassez de estudos que se relacionem com o Comprimento Médio de Enunciado no Português Europeu e pelo facto de cada vez se conceder mais importância a esta medida, sendo utilizada na avaliação de um indivíduo como um dos indicadores de défice linguístico ou de padrão de normalidade. É usado também por Terapeutas da Fala com o intuito de medir o sucesso da intervenção levada a cabo e seria desejável que fosse também do conhecimento de Professores, Pediatras e até Pais, na tentativa da existência de uma deteção e intervenção precoce que minimizem os efeitos negativos.

Pretende-se responder às seguintes *questões de investigação*:

- *Quais os valores de CME para as idades de 3, 4 e 5 anos?*
- *O sexo está relacionado com o valor de CME obtido?*
- *A escolaridade dos progenitores influencia o valor de CME?*

Este trabalho tem como objetivo geral analisar o CME em morfemas e palavras de crianças dos 3 aos 5 anos de idade. Como objetivos específicos procura relacionar os dados de CME obtidos com três diferentes variáveis: idade, sexo e escolaridade dos progenitores.

Esta monografia é constituída, para além da presente introdução, pelo enquadramento teórico, pela fase metodológica, pela apresentação e discussão dos resultados obtidos, pela conclusão e pelos anexos.

No enquadramento teórico é efetuada uma revisão acerca da comunicação e linguagem, ressaltando-se o CME e o desenvolvimento morfosintático. Na fase metodológica é apresentado o objetivo do estudo, o tipo de estudo, a população alvo e a amostra, as variáveis, a recolha dos dados e a sua análise.

Após o período de autorizações e consentimentos informados à instituição (Jardim-de-infância), foram selecionadas as crianças que poderiam participar no estudo e enviados para os respetivos Encarregados de Educação, o consentimento informado e o questionário sociodemográfico. Os dados pretendidos foram recolhidos através da aplicação do *Teste de Articulação CPUP: Sons em Palavras* e do contar de uma história a partir de três imagens cedidas de forma consecutiva.

Foram efetuadas gravações áudio para que as avaliações pudessem ser posteriormente ouvidas e analisadas de forma cuidada, minimizando assim a ocorrência de erros. Estas avaliações foram efetuadas num jardim-de-infância para que assim se pudesse reunir num só local o maior número de crianças possíveis dentro da faixa etária desejada.

A localidade a aplicar este estudo e o jardim-de-infância em questão foram selecionados por razões geográficas e pelo facto de uma das investigadoras envolvidas na recolha dos dados ter conhecimentos junto deste local que permitiam um acesso mais fácil e rápido às informações pretendidas e, desta forma, minimizariam as dificuldades burocráticas. Pode então afirmar-se que foi constituída uma amostra por conveniência com 34 crianças dos 3 aos 5 anos de idade. Existem 12 crianças com 3 anos, sendo que 5 são do sexo feminino e 7 do sexo masculino; 9 crianças de 4 anos, 3 do sexo feminino e 6 do sexo masculino; 13 crianças com 5 anos, 6 do sexo feminino e 7 do sexo masculino.

Na apresentação dos resultados é exposta a caracterização geral da amostra, os valores de CME obtidos para cada idade e os dados resultantes das correlações entre o CME em morfemas e palavras com a idade, sexo e escolaridade dos pais. É também realizada a discussão, sendo referido se tal resultado era ou não esperado, comparando-se com outros estudos realizados na área.

Por fim é efetuada uma conclusão onde são salientadas as ideias centrais defendidas/concluídas neste projeto, expostas as dificuldades sentidas aquando da sua

execução e realizadas sugestões para futuras investigações. Pode destacar-se como principais conclusões o facto do valor de CME aumentar em função da idade e não se relacionar significativamente com o sexo das crianças e a escolaridade dos seus pais.

A instituição onde decorreu a avaliação foi num Centro Social e Paroquial localizado no Concelho de Felgueiras e Distrito do Porto.

Esta monografia pretende fornecer dados quantitativos a terapeutas da fala e outros profissionais (professores, educadores, etc), ou até mesmo pais e/ou cuidadores de crianças em idade pré-escolar, e assim contribuir para assinalar possíveis défices de linguagem, colaborando na deteção e intervenção precoce. Além disso pretende-se que sirva de motivação à elaboração de futuras investigações na área e de esclarecimento quanto aos aspetos relacionados com a medida em causa.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. COMUNICAÇÃO

A comunicação é um processo ativo de troca de informação que envolve diferentes fases, nomeadamente: a codificação ou formulação da mensagem; a transmissão; e a descodificação ou compreensão da informação por parte de um, ou mais, intervenientes (Sim-Sim, 1998). Ou seja, exige a capacidade de transmitir informação diferente e através de diferentes sistemas (Peña-Casanova, 1997).

Tal como Fiadeiro (cit. in Nunes, 2001) defende, este processo pressupõe respeito, partilha e compreensão mútua. Este último aspeto é particularmente importante e essencial para que a comunicação tenha sucesso pois é necessário que os interlocutores conheçam e dominem um **código comum**¹ e usem o **canal de comunicação**² indicado para determinado contexto e situação (Sim-Sim, 1998).

2. LINGUAGEM

A linguagem diz respeito a um sistema de comunicação natural ou artificial, humano ou não-humano. Podemos enumerar algumas formas de linguagem: linguagem corporal, expressões faciais, reações do nosso organismo, linguagem de outros animais, sinais de trânsito, música, pintura, entre outros (Goldfeld, 1998).

A linguagem oral é a principal forma de comunicação do ser humano, nomeadamente das crianças, e é desenvolvida através do contacto e interação com o ambiente que os envolve (Hubner, 2010). Contudo, este não é o único aspeto importante. A linguagem depende também de uma diversidade de variáveis, tais como: integridade anatomofisiológica, maturação do Sistema Nervoso Central, aspetos emocionais e sociais, entre outros (Sandri et al., 2009). É um sistema complexo de símbolos, constituído por um número finito de unidades discretas e regras que orientam a

¹ “Por código entende-se qualquer sistema de sinais usado para transmitir uma mensagem” (Sim-Sim, 1998, p. 22)

² “(...) sendo o canal de comunicação o meio através do qual a mensagem é transmitida.” (Sim-Sim, 1998, p. 22)

combinação e ordenação dessas unidades, o que permite a formação de novas e maiores estruturas, assim como mais complexas (Sim-Sim, 1998).

Uma das características mais importantes e que concede mais riqueza à linguagem é a criatividade que ela possui: compondo um número finito de unidades é possível produzir um número infinito de novos enunciados compreendidos pelos falantes de determinada língua, mesmo que anteriormente estes nunca os tenham ouvido ou usado (Sim-Sim, 1998). De uma forma simples e resumida, segundo Andrade (2008, p. 13) “a linguagem identifica-nos com a comunidade de humanos a que estamos vinculados através de um código socialmente partilhado” – a língua.

2.1. COMPONENTES DA LINGUAGEM

O domínio da linguagem oral implica que se respeite um conjunto de três níveis: forma, conteúdo e uso (Sim-Sim, 1998). Estes níveis, por sua vez, subdividem-se em várias componentes. No que diz respeito à forma, esta compreende a **fonologia**, **morfologia** e **sintaxe**; o conteúdo diz respeito à **semântica**; o uso à **pragmática**. (Bloom e Lahey, cit in. Franco et al., 2003).

A **fonologia** estuda os sistemas sonoros das línguas e suas combinações (Sim-Sim, 1998). Já a **morfologia** diz respeito “à formação e respetiva estrutura interna das palavras” (Sim-Sim, 1998, p. 25). Além disto esta componente também estuda a decomposição das palavras em unidades menores com significado – os morfemas (Bishop, D. et al., 2002). A **sintaxe** interessa-se pelo desenvolvimento de regras que permitam a combinação entre diferentes partes do discurso para formar frases numa língua (Bishop et al., 2002). Apesar de estas constituírem as componentes da linguagem, é frequente a morfologia surgir associada à sintaxe: **morfossintaxe** ou **domínio linguístico morfo-sintático**. Desta forma, estas duas componentes são aliadas, complementando-se.

A **semântica** diz respeito ao significado das palavras e à interpretação das suas combinações formando frases (Sim-Sim, 1998). Por sua vez, a **pragmática** ocupa-se com a adequação da linguagem ao contexto comunicativo (Sim-Sim, 1998). Ou seja, é a adaptação a situações sociais (Pedrosa et al., 2004).

2.2. O COMPRIMENTO MÉDIO DE ENUNCIADO (CME)

O CME, também denominado de extensão média de enunciado (EME) foi uma medida adaptada do Mean Length of Utterance (MLU). Esta última proposta por Roger Brown, da Universidade de Harvard, em 1973, após um estudo realizado com 3 crianças (Grecco et al., 2011). O seu cálculo é efetuado através da média entre o número de morfemas produzidos pela criança e a quantidade de enunciados recolhidos do seu discurso (Grecco et al., 2011).

Para que as definições e informações apresentadas sejam compreendidas devidamente, é importante definir o que é um morfema: um morfema é a unidade mínima de significado na estrutura interna da palavra (Sim-Sim, 1998). Ou seja, são todos os elementos morfológicos mais pequenos em que a palavra se pode decompor (Kristeva, 2007). Por exemplo, *in-fiel-mente* é composta por três morfemas.

O CME é uma medida quantitativa utilizada para caracterizar a linguagem infantil e aliada a análises qualitativas serve como complemento ao diagnóstico clínico (Hubner, 2010). Ou seja, o possível défice apresentado aquando da análise do CME não é por si só um diagnóstico, mas pode ser considerado um dos aspetos que o complementam.

Dado que este cálculo se pode efetuar em qualquer faixa etária, constata-se que se trata de uma medida evolutiva, pois está associado às mudanças de idade. Considera-se mesmo possível a identificação da idade cronológica de uma criança através dos resultados obtidos no CME (Marques, et al., 2011). Desta forma, possibilita a deteção de problemas de linguagem ou, por outro lado, assinalar crianças com desenvolvimento considerado normal (Scherer, et al., 2002). Esta medida é também utilizada por Terapeutas da Fala, não só pelas razões mencionadas anteriormente mas também como indicador das intervenções terapêuticas levadas a cabo (Marques et al., 2011).

Existem critérios para o cálculo de CME propostos por Roger Brown, contudo estes dizem respeito à língua inglesa e, sendo assim, necessitam de adaptações para as demais línguas. Estas são efetuadas pelos investigadores que se propõem a realizar estudos

associados a esta medida (Grecco, et al., 2011).³ Importante também realçar que essas adaptações não se revelam uma tarefa simples (Grecco, et al., 2011). Contudo este não é o único obstáculo a este cálculo, mostra-se complexo segmentar o enunciado das crianças, como já relatado em vários estudos.

Tal como anteriormente referido, o CME foi inicialmente idealizado para ser calculado através de morfemas, contudo alguns estudos sugerem que seja efetuado em palavras (Marques, et al., 2011). Esta última medida permite o conhecimento de dados acerca do desenvolvimento geral da criança (Marques, et al., 2011).

Alguns autores referem que o CME em palavras nas crianças mais pequenas se mostra mais eficaz. Isto deve-se ao facto da utilização de morfemas em coleta de dados ser pouco frequente nas faixas etárias mais baixas, por se tratar de uma situação não-natural e, por vezes, com intervenientes desconhecidos (Marques, et al., 2011). Muitos estudos utilizam o CME em palavras, por, segundo Marques, et al. (2011, p. 156), “fornecer vantagens, tais como: eliminação de decisões arbitrárias que devem ser feitas sobre a análise da utilização de morfemas, (...) facilitação da comparação entre línguas e dialetos, facilidade no cálculo da medida e rapidez em documentar o desenvolvimento estrutural da língua”.

Resumindo, apesar de também existirem críticas a esta medida, o CME é um bom indicador do desenvolvimento gramatical da criança, porque quase todos os tipos de novos conhecimentos linguísticos aumentam esse valor (Brown, 1973, cit in Rice, 2006). Além disso, serve também de ponto de partida para a elaboração de outros estudos, como é o caso do projeto que procura utilizar o MLU como ferramenta de análise de escrita de jovens aprendizes.⁴

2.2.1. VALORES DE REFERÊNCIA PARA CME

Nas tabelas seguintes serão apresentados os valores de CME em palavras esperados para as diferentes faixas etárias abordadas nesta pesquisa, tendo como base autores distintos.

³ Ver em Metodologia

⁴ - Grecco, N. A. G. (2011). O MLU como ferramenta de análise da escrita de jovens aprendizes. *Anais do VII Congresso Internacional da Abralín*. Curitiba

Os dados expostos dizem respeito a estudos portugueses e brasileiros, não referenciando outras línguas pelo facto de existir uma grande diferença nas adaptações efetuadas para cálculo desta medida. Apesar de não ser possível a orientação através dos valores brasileiros, é a língua menos sujeita a adaptações quando comparada à língua portuguesa. Não foram encontrados dados referentes ao CME em morfemas para nenhuma das línguas anteriormente referenciadas.

Tabela 1. CME: 3, 4 e 5 anos de idade

Idade	Valor de CME em palavras	Autor	Origem
3	2/3	Castro, S. L. et al., 2000	Portugal
4	6,38 ⁵	Albiero, et al., 2011	Brasil
	5	Castro, S. L., 2000	Portugal
	6	Andrade, F., 2008	Portugal
5	6,80 ⁶	Albiero, et al., 2011	Brasil
	8	Andrade, F., 2008	Portugal

2.3. DESENVOLVIMENTO MORFOSSINTÁTICO

É na morfossintaxe e no desenvolvimento desta que se focará o seguimento deste estudo, uma vez que o CME está associado a esta vertente da linguagem.

Quando avaliada esta componente, é tido em conta não só o CME mas também a concordância de género e número, a flexão verbal, a coordenação e subordinação, a derivação de palavras e a correção de frases agramaticais.

Vários estudos têm concluído que o desenvolvimento infantil segue ordem evolutiva, em que as habilidades conversacionais se vão refinando, e o vocabulário e grau de complexidade da linguagem vão aumentando, assemelhando-se ao modelo adulto (Sandri, et al., 2009).

⁵ Valor encontrado num estudo onde também foi utilizada uma imagem para induzir o discurso.

⁶ Valor encontrado num estudo onde também foi utilizada uma imagem para induzir o discurso.

Os aspetos da linguagem alvos de maior investigação, do ponto de vista evolutivo, são os morfossintáticos (Peña-Casanova, 2002). Em seguida será efetuado um resumo das evoluções relativas a esta componente da linguagem, enfatizando os principais aspetos de cada etapa.

Pode considerar-se a existência de cinco diferentes períodos no desenvolvimento morfossintático: o pré-linguístico (aproximadamente até ao primeiro ano de idade), o dos enunciados de uma palavra (aproximadamente aos 18 meses), o das primeiras combinações (dos 18 aos 24 meses), o das frases simples (a partir dos 30 meses de idade) e o das frases complexas (entre os 3 e os 4 anos de idade). (Castro et al., 2000).

Segundo Peña-Casanova (2002, p. 21), é conhecido que nos primeiros meses de vida o bebé produz “vocalizações não-linguísticas biologicamente condicionadas” e que é por volta do primeiro ano de vida que surgem as primeiras palavras funcionais (Peña-Casanova, 2002).

Até aos 18 meses entra no período da halofrase (uso de palavras com valor de frase) e junta palavras comuns (ex. “dá bola”) (Hamaguchi, 2001). Entre os 18 e os 24 meses ingressa na fase telegráfica em que junta palavras mas não utiliza elementos gramaticais (Hamaguchi, 2001). A partir dos 30 meses de idade ocorre a expansão gramatical (Peña-Casanova, 2002). Começa a usar pronomes, outros tempos verbais, nomeadamente o passado e usa frases do tipo SVO (Hamaguchi, 2001).

Os 3 e os 4 anos são consideradas as “idades dos porquês”, pois a criança coloca muitas questões, demonstrando interesse pelo que a rodeia. É também a fase em que existe o uso frequente da conjunção “e” e usa plurais e complemento direto e indireto (Hamaguchi, 2001). Este é o momento em que a criança já relata experiências, conta histórias e estabelece uma conversação (Temudo et al., 2004).

Aos 4/5 anos de idade a criança usa a coordenação e a subordinação, os verbos no passado, presente e futuro, assim como verbos regulares e irregulares (Hamaguchi, 2001). Aos 7 anos elabora frases de forma coerente e descreve pensamentos e histórias similares ao adulto (Hamaguchi, 2001). Considera-se que o desenvolvimento da

linguagem se completa por volta dos 15 anos, contudo é possível que exista uma evolução linguística após essa idade, sem que exista um limite (Temudo et al., 2004).

3. FATORES DE RISCO PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Em seguida serão expostas quais as ideias defendidas por diferentes autores em relação à influência no desenvolvimento infantil das variáveis em questão nesta pesquisa.

De acordo com Reppold, et al. (cit. in Maia et al., 2005, p. 92), os fatores de risco consistem em “condições ou variáveis associadas à alta probabilidade de ocorrência de resultados negativos ou indesejáveis”. Podem compreender aspetos de natureza biológica e genética da criança e/ou da família, bem como variáveis relacionadas com o contexto que os envolve (Maia, et al., 2005).

Neste sentido, pode-se considerar vários fatores que interferem no desenvolvimento da linguagem – genéticos, fisiológicos, neurológicos, psicológicos, ambientais, culturais, escolares e familiares. Estes são considerados fatores de risco pois não garantem que determinado indivíduo venha a adquirir certa perturbação mas constituem características que podem estar associadas às perturbações em causa (Andrade, 2008).

É neste seguimento que, no final desta pesquisa se pode constatar se as variáveis em estudo (sexo e idade dos avaliados e escolaridade parental) influenciam os valores encontrados aquando do cálculo de CME e, por consequência, são encarados como um fator de risco.

No que diz respeito ao **sexo (masculino e feminino)**, sendo este um aspeto de natureza biológica, não são raras as vezes em que é associado a perturbações de linguagem, sendo referido o sexo masculino como o predominante neste tipo de alterações (Andrade, 2008).

Embora não seja possível generalizar o estudo de uma perturbação a todos os outros défices que possam ser submetidos a pesquisa e apesar deste projeto não ser especificamente do âmbito das perturbações específicas da linguagem, em estudos

realizados por Tomblin e Bishop (cit. in Andrade, 2008) a prevalência das perturbações específicas da linguagem mostraram-se maiores no sexo masculino do que no feminino.

Já no estudo realizado com o objetivo de avaliar a linguagem expressiva de crianças nascidas pré-termo e termo aos dois anos de idade não foi verificada a influência do sexo na produção de palavras e na extensão das frases (Isotani, et al., 2009), e no estudo que procura obter o perfil comunicativo de crianças entre 1 e 3 anos com desenvolvimento normal de linguagem, não foram encontrados dados que revelassem diferença entre os géneros no desenvolvimento da linguagem (Sandri, et al., 2009). Contudo, este último menciona que apesar dos resultados obtidos não o demonstrarem, existem pesquisas que relatam existir diferença entre o sexo feminino e masculino no desenvolvimento da linguagem, defendendo que as meninas mostram um melhor desempenho que os meninos em relação às habilidades comunicativas e de linguagem.

Além dos aspetos de ordem biológica, é importante ter em conta o papel exercido pela família no desenvolvimento da linguagem da criança, havendo, obviamente, contextos familiares mais propícios do que outros ao desenvolvimento linguístico (Andrade, 2008). Relacionado com este aspeto, pode-se ter em conta, por exemplo, as habilitações académicas dos pais, as suas profissões e a posição da criança na fratria. Uma das variáveis deste trabalho é, então, o grau de escolaridade dos pais (habilitações académicas). Os **graus de literacia dos pais** e os desempenhos linguísticos que lhes estão associados podem constituir uma variável a ter em conta no desenvolvimento linguístico das crianças. Segundo Tomblin (cit. in Andrade, 2008, p. 40) “alguns autores apresentam relações positivas entre o maior número de crianças com problemas e o menor grau de escolarização dos seus progenitores”.

Na pesquisa que procura avaliar a linguagem expressiva de crianças nascidas pré-termo e termo aos dois anos de idade não foi verificada a influência da escolaridade materna na produção de palavras e na extensão das frases (Isotani et al., 2009). Contudo, se for considerado que quanto maior é o grau de escolaridade dos pais maior será o estatuto socioeconómico da família, o mesmo estudo defende que este fator já influencia positivamente o valor de CME.

Além dos fatores mencionados anteriormente, também se procura analisar neste estudo a influência da **idade** sobre o valor de CME. Este aspeto possui um valor fundamental para o desenvolvimento da linguagem, visto que, segundo Sandri et al. (2009, p. 38):

O desenvolvimento infantil segue uma ordem cronológica evolutiva nas quais as habilidades conversacionais vão se aprimorando, utilizando mais turnos, ampliando o vocabulário, aumentando o grau de complexidade na linguagem, nas brincadeiras e aproximando-se do modelo adulto.

Para que isto seja possível, e no caso da linguagem, é necessário que a criança desenvolva as suas capacidades sensoriais, perceptivas, neurológicas, entre outras. Estas dependem de inúmeros fatores, sendo um deles a idade.

II. FASE METODOLÓGICA

Após a execução do enquadramento teórico, imprescindível para a correta compreensão e contextualização da temática em questão neste estudo, expõe-se a fase metodológica. Segundo Fortin (2009, p. 53):

A fase metodológica consiste em definir os meios de realizar a investigação. É no decurso da fase metodológica que o investigador determina a sua maneira de proceder para obter as respostas às questões de investigação ou verificar as hipóteses.

1. OBJETIVO DO ESTUDO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar o CME em morfemas e em palavras, de crianças dos 3 aos 5 anos de idade. Os objetivos específicos são relacionar os dados de CME obtidos com três diferentes variáveis: idade, sexo e escolaridade mais elevada dos progenitores.

2. TIPO DE ESTUDO

O estudo em questão é retrospectivo transversal pois a característica do indivíduo a ser avaliada (CME) é respeitante a um dado período da sua vida, sem que tivesse sido alvo de alguma atuação que condicionasse ou desencadeasse o resultado obtido.

É também um estudo correlacional, onde se procura analisar a existência de relações estatisticamente significativas entre as variáveis (Fortin, 2003). Neste caso em concreto, pretende-se examinar a relação entre o CME em palavras e morfemas com o sexo, idade e grau de escolaridade mais elevado dos progenitores.

3. POPULAÇÃO ALVO E AMOSTRA

No momento da escolha da instituição onde o estudo seria aplicado, a decisão recaiu sobre um **Centro Social e Paroquial localizado no Concelho de Felgueiras e Distrito do Porto**. Isto deveu-se ao facto de uma das investigadoras envolvidas no projeto ter conhecimentos que facilitassem o processo burocrático e, assim, culminasse numa

resposta mais breve e favorável. O consentimento informado foi, então, entregue à instituição e a autorização foi prontamente concedida.

Inicialmente foi confirmada a existência de 45 crianças com as idades pretendidas para o estudo, sendo que ficou, então, esse número definido como o tamanho da amostra. Foram entregues os consentimentos informados aos pais e junto com estes foi enviado o questionário sociodemográfico para que todas as questões burocráticas ficassem totalmente resolvidas. Apenas foram obtidas 35 autorizações no final.

4. VARIÁVEIS

Segundo Fortin (2003), a variável independente é a que o investigador manipula a fim de medir os efeitos na ou nas variáveis dependentes. Logo, neste estudo as variáveis independentes são o sexo, a idade dos avaliados e a escolaridade dos pais; e as variáveis dependentes são o CME em morfemas e em palavras.

No que diz respeito às variáveis dependentes, para analisar corretamente um conjunto tão heterogêneo de dados, como na avaliação em questão, tornou-se imprescindível a definição de critérios de avaliação de cada uma delas. Desta forma, a contagem tornou-se mais fidedigna e com menos probabilidade de ocorrência de erros.

Os critérios utilizados para o cálculo do CME em morfemas foram estabelecidos com base no autor Hubner, et al., 2010. Contudo, devido às especificidades linguísticas, a autora também utilizou critérios definidos por si.

Os critérios estabelecidos neste estudo para o cálculo do CME em morfemas foram:

- Usar apenas os enunciados totalmente inteligíveis;
- Não utilizar frases não concluídas (isto pode ocorrer pela alternância de interesses e, por consequência, à mudança de tópico);
- Não utilizar frases em que as crianças imitassem imediatamente o modelo do interlocutor;

- Não utilizar músicas, provérbios ou lengalengas;

- Considerar as simplificações decorrentes de contração pela quantidade de morfemas das palavras isoladas, quando referente ao modelo linguístico da comunidade. Por exemplo, “pás” (para as) e “pós” (para os) como três morfemas, ou “prá” (para a) e “pró” (para o) como dois morfemas;

- Contar os diminutivos como um morfema a mais no caso de serem no singular, e dois morfemas a mais quando se apresentavam no plural. Por exemplo, “peixinho” como dois morfemas e “peixinhos” como três morfemas;

- Contar as ocorrências irregulares dos verbos como um só morfema. Por exemplo, “fui”, “fiz”, “foi”, “são”, entre outros;

- Considerar as formas verbais da 3ª pessoa do singular presente foram consideradas como um só morfema, porque parecem ser a forma verbal normal do verbo, antes de ser uma flexão verbal realmente relacionada à 3ª pessoa (ex. come, dorme, está, tem, salta, entre outros);

- Contar as flexões do feminino como um morfema a mais, nas formas em que há oposição no masculino. Por exemplo, ele/ela, esse/essa, tio/tia;

- Contar as contrações de preposições com artigos, pronomes pessoais ou outros elementos como um só morfema. Por exemplo, na, no, da, do, deste, desta, daqui.

Tal como no cálculo do CME em morfemas, os critérios utilizados para o cálculo do CME em palavras foram estabelecidos com base no autor Hubner, et al., 2010. Contudo, devido às especificidades linguísticas, a autora também utilizou critérios definidos por si.

Os critérios estabelecidos neste estudo para o cálculo do CME em palavras foram:

- Usar apenas os enunciados totalmente inteligíveis;

- Não utilizar frases não concluídas (isto pode ocorrer pela alternância de interesses e, por consequência, à mudança de tópico);
- Não utilizar frases em que as crianças imitassem imediatamente o modelo do interlocutor;
- Não utilizar músicas, provérbios ou lengalengas;
- As combinações consideradas como nomes próprios foram contadas como uma só palavra. Por exemplo, Tia Ana, irmã Alice;
- Considerar as simplificações decorrentes de contração das palavras isoladas, quando referente ao modelo linguístico da comunidade. Por exemplo, “pás” (para as), “pós” (para os), “prá” (para a) e “pró” (para o) como duas palavras;

A extensão de cada enunciado foi realizada com a metodologia destacada anteriormente. Foi efetuada a soma resultante da contagem de morfemas ou palavras de cada frase e dividida pelo número de enunciados produzidos pela criança.

5. RECOLHA DE DADOS

5.1. MATERIAL

Para que todo o processo de recolha de dados fosse efetuado com sucesso, foi necessário recorrer ao seguinte material:

- Gravador de áudio;
- Imagens para nomeação do *Teste de Articulação CPUP: Sons em Palavras*;
- Folhas de registo do *Teste de Articulação CPUP: Sons em Palavras*⁷;
- 3 imagens que induzissem o discurso das crianças;
- Folhas de registo da avaliação do discurso dirigido⁸;
- Caneta.

⁷ Ver Anexo 3

⁸ Ver Anexo 5

5.2. PROCEDIMENTOS

Devido à escassez de estudos publicados que se relacionem com o CME, PCC e Desvios de Fala no Português Europeu, 3 alunas finalistas do curso de Terapêutica da Fala da Universidade Fernando Pessoa (Isabel Lourenço, Sandra Silva e Cátia Félix) trabalharam em parceria a fim de investigar as três medidas anteriormente referidas.

Para facilitar a recolha dos dados e para que a amostra pudesse ser maior, o estudo foi dividido em **três faixas etárias – 3, 4 e 5 anos** – sendo que cada investigadora se tornaria responsável pela recolha de dados numa das idades.

O desconhecimento sobre a existência de baterias de avaliação do discurso em Português Europeu conduziu a que surgisse a necessidade de criar os materiais para a concretização do estudo em causa. Procedeu-se, então, à pesquisa de imagens que induzissem o discurso das crianças. As figuras escolhidas pertencem ao livro “*Avaliação Fonológica da Criança – Reeducação e terapia*” de Yavas, Hernandorena e Lamprecht (2001). A resposta ao pedido de autorização ao Professor Mehmet Yavas encontra-se no anexo 4.

O teste original era demasiado extenso e tentou-se desenvolver uma versão mais apelativa, rápida e fácil de aplicar. Foram seleccionadas 3 das 5 imagens do teste, que continham 37 palavras nas quais estavam presentes todos os fonemas da Língua Portuguesa, bem como em todas as posições de palavra.

Com o intuito de facilitar a recolha e organização dos dados foi elaborado um documento com uma tabela que continha todos os vocábulos a analisar.⁹ A recolha de frases para o cálculo de CME também seria efetuada com base nestas imagens, contudo para esta tarefa seria apenas necessário uma folha de recolha, sem necessidade de organização prévia da mesma.

Na medida em que uma das investigadoras possuía como questão de investigação a comparação entre a ocorrência de desvios da fala em palavra isolada e em discurso, foi aplicado também o *Teste de Articulação CPUP: Sons em Palavras*. Este teste avalia a

⁹ Ver Anexo 5

articulação dos fonemas do Português Europeu em todas as posições de palavra e tendo em conta a estrutura silábica, através da nomeação de 40 imagens para um total de 45 palavras-alvo (Gomes, et al., 2006).

Foi escolhido este teste articulatorio uma vez que permite avaliar a produção espontânea de palavras isoladas e fornece informações quanto aos tipos de erros articulatorios cometidos e quais os processos fonológicos que estão presentes/ausentes (Gomes et al., 2006). Além das características nomeadas, é também importante mencionar que é fácil e rápida aplicação, possui imagens atrativas para as crianças e uma tabela organizada para a correta análise e registo dos dados observados¹⁰.

Foi ainda realizado um questionário sociodemográfico onde se estabeleceram as variáveis do estudo (sexo, idade e escolaridade dos pais), assim como os critérios de inclusão e exclusão (língua materna, diagnóstico clínico atribuído e local de residência). No que diz respeito a estes últimos, pretendia-se então que a língua materna fosse o português europeu, que não existissem diagnósticos clínicos atribuídos que condicionassem a fala e linguagem da criança e que o seu local de residência fosse Amarante ou Felgueiras.

Em seguida, procedeu-se à elaboração dos consentimentos informados (aos pais¹¹ e à instituição¹²). Com estes documentos pretendia-se dar a conhecer o objetivo a alcançar com a realização deste estudo, assim como explicar o modo como decorreriam as avaliações, garantindo sempre o máximo de respeito pelas crianças e pelo material recolhido.

Foi definido entre a instituição e as investigadoras os dias mais favoráveis para a recolha dos dados e no que concerne à ordem de aplicação das provas, ficou anteriormente determinado que o *Teste de Articulação CPUP: Sons em Palavras* seria o primeiro a aplicar pois também poderia servir como tarefa de desinibição para a criança, visto que esta apenas teria que nomear a imagem apresentada e não elaborar uma história, tal como é desejado que faça na tarefa a realizar posteriormente.

¹⁰ Ver Anexo 3

¹¹ Ver Anexo 2

¹² Ver Anexo 1

A tarefa seguinte seria realizar a prova de recolha do discurso dirigido. Para a sua concretização as investigadoras escolheram uma das imagens originais do teste que não constava das que iriam ser apresentadas à criança e deu o exemplo do que era pretendido. Em seguida os avaliados teriam que contar uma história a partir das três imagens cedidas de forma consecutiva. Era importante que todas as palavras-alvo fossem nomeadas e quando tal não acontecia era produzida uma frase estímulo para induzir essa mesma nomeação.

Para a recolha dos dados pretendidos foi tomada a decisão de recorrer ao suporte de imagens cedidas pela avaliadora, apesar de Lopes-Herrera (2008) defender que “a produção verbal espontânea é o procedimento de avaliação que oferece uma descrição mais exata do nível de desenvolvimento linguístico”. Esta escolha prendeu-se com o facto da atividade servir para que a criança se desinibisse, estimulasse a imaginação e não se sentisse pressionada pelo avaliador, como aconteceria se fossem colocadas questões.

Sendo assim, apesar do estudo em questão ter sido efetuado através da exposição das crianças a imagens, e a partir destas solicitar que contassem uma história, a avaliação do CME não tem de ser necessariamente efetuada desta maneira. Pressupõe apenas que o indivíduo a ser avaliado produza um número de enunciados necessários para que o cálculo seja efetuado. É importante que o discurso seja recolhido num contexto o mais familiar e natural possível para que o resultado se mostre mais fidedigno.

As crianças foram avaliadas individualmente, numa sala à parte dos restantes colegas. Além do indivíduo a ser observado, a única pessoa presente no mesmo espaço era a avaliadora. O tempo de avaliação rondou os 45 minutos cada, mais tempo do que inicialmente tinha sido previsto, contudo muito dependeu da colaboração e empenho demonstrados pelo avaliado. Todas as avaliações efetuadas foram gravadas para que facilitasse a análise e tratamento dos dados.

Após esta etapa finalizada, foi efetuada a transcrição dos dados necessários nas folhas de registo elaboradas para esse efeito. Por fim, os dados foram cedidos entre avaliadoras, consoante a sua questão de investigação (CME, PCC e Desvios de Fala).

6. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

O tratamento dos dados obtidos foi efetuado recorrendo ao programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 21. Obteve-se a caracterização geral da amostra e foi possível relacionar as variáveis dependentes – CME em palavras e morfemas, com as variáveis independentes – sexo, idade e escolaridade mais elevada dos pais.

Para estudar a relação entre o desempenho das crianças no CME e a sua idade foi utilizado o coeficiente de correlação de Spearman, o teste de Mann-Whitney foi utilizado para verificar se o sexo dos avaliados influencia o desempenho e o de Kruskal-Wallis para averiguar se a escolaridade dos pais influencia os resultados obtidos. Foram usados testes não-paramétricos, visto que não foi possível assumir a normalidade da distribuição dos dados, tal como foi comprovado através do teste de Kolmogorov-Smirnov.

III. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Na tabela 2 será apresentada a caracterização geral da amostra, tendo em conta a idade e sexo dos participantes no estudo.

Tabela 2. Caracterização da amostra: idade e sexo

	Total		Feminino		Masculino	
	n	%	n	%	n	%
3 Anos	12	35,3	5		7	
4 Anos	9	26,5	3	41,2	6	58,8
5 Anos	13	38,2	6		7	
TOTAL	34	100	14		20	

Na tabela 3 será apresentada a caracterização geral da amostra, tendo em conta a escolaridade mais elevada dos pais das crianças participantes no estudo.

Tabela 3. Caracterização da amostra: escolaridade mais elevada dos progenitores

Escolaridade	Total		Mediana
	n	%	
1º Ciclo	0	0	
2º Ciclo	5	14,7	
3º Ciclo	6	17,6	
Secundário	10	29,4	Secundário
Bacharelato	1	2,9	
Licenciatura	11	32,4	
Mestrado	1	2,9	
Doutoramento	0	0	
TOTAL	34	100	

Na tabela 4 serão apresentados os valores de CME encontrados divididos por percentis. Esta medida foi calculada a partir da divisão do número de morfemas ou palavras pelo número de enunciados que cada participante da pesquisa obteve, de acordo com os critérios enunciados no capítulo II.

Tabela 4. Valores obtidos de CME em percentis

	CME em morfemas			CME em palavras		
	P25	P50	P75	P25	P50	P75
3 Anos	4,23	4,58	4,96	3,33	3,75	4,09
4 Anos	5,56	7,46	10,41	4,45	5,75	7,87
5 Anos	7,59	8,2	11,79	5,94	6,63	9,02

Na tabela 5 estão apresentadas as comparações entre grupos independentes por sexo (F e M) usando o Teste de Mann-Whitney e pela escolaridade usando o Teste de comparações múltiplas Kruskal-Wallis.

Tabela 5. Comparação entre CME e sexo e escolaridade mais elevada dos progenitores

	Sexo*	Escolaridade dos progenitores**
	Valor de p	Valor de p
CME em morfemas	0,77	0,48
CME em palavras	0,82	0,50

*Teste de Mann-Whitney (o nível de significância é 0,05)

**Teste de Kruskal-Wallis (o nível de significância é 0,05)

Constata-se através da visualização da tabela acima apresentada que os resultados obtidos sugerem não haver significância estatística nas relações em questão.

Para relacionar o CME em palavras e morfemas com a idade das crianças avaliadas foi utilizada a correlação de Spearman. Respeitante à relação existente entre o CME em palavras e a idade, constatou-se que a correlação é positiva ($R=0,75$) e estatisticamente significativa ($p<0,01$). Ou seja, o CME em palavras varia em função da idade. A correlação entre o CME em morfemas também é positiva ($R=0,75$) e estatisticamente significativa ($p<0,01$). Ou seja, o CME em morfemas, tal como o CME em palavras, varia em função da idade.

IV. DISCUSSÃO

A discussão que se segue será efetuada segundo os resultados apresentados, sendo fundamentado e justificado sempre que possível por diferentes autores.

A amostra em questão é constituída por 34 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos.

O número de enunciados recolhidos do discurso de cada criança e a contribuir para o estudo não foi previamente decidido pois as faixas etárias a ser observadas eram baixas e umas crianças produzem muitos mais enunciados do que as outras. Porém, como os dados que se pretendem obter tratam-se de uma média, o estabelecimento desse aspeto não seria, de todo, uma decisão prioritária. Em estudos observados, os investigadores vão estabelecendo o número de enunciados consoante a amostra que é possível recolher, tendo em consideração que em crianças mais novas esta tarefa apresenta-se mais difícil.

No que concerne aos dados obtidos neste estudo, quando comparados os valores de CME em morfemas e em palavras, é possível constatar que, tal como esperado e já detetado em estudos reportados por diversos autores, tais como, Marques, et al., 2011 e Befi-Lopes, et al., 2012, os valores de CME apresentam-se superiores quando esta medida é calculada através da contagem de morfemas. Este aspeto justifica-se na medida em que os morfemas consistem nas unidades mínimas de significado em que uma palavra se pode decompor (Sim-Sim, 1998).

Através da observação dos valores encontrados (cf. tabela 4) é possível também verificar que, tanto no CME em morfemas como em palavras, entre as idades de 3 e 4 anos o aumento de CME foi maior do que entre os 4 e os 5 anos de idade. Este aspeto deve-se ao facto de ser aos 4 anos de idade que emerge o uso mais regular de plurais, complemento direto e indireto, assim como coordenação e subordinação de frases, uso de verbos em diferentes tempos verbais e utilização de verbos regulares e irregulares (Hamaguchi, 2001). Estas características auxiliam a criança a estabelecer uma comunicação, assim como a contar histórias e experiências de forma mais clara e natural (Temudo, et al., 2004).

Os valores de CME em palavras obtidos nesta pesquisa, ao contrário do que acontece com os valores de CME em morfemas, tornam-se suscetíveis de comparação, dado que foram encontrados dados referenciados por diferentes autores, quer sejam Portugueses ou Brasileiros (cf. tabela 1). Assim sendo, no que diz respeito aos 3 anos de idade, o valor encontrado nesta pesquisa foi de 3,75 palavras por frase e, segundo Castro, et al. (2000) o valor esperado para a língua portuguesa seria entre duas e três palavras por frase. Pode constatar-se que o valor obtido ultrapassa, embora não em larga escala, o valor apontado pelo autor referenciado.

Aos 4 anos de idade, segundo o estudo de Albiero et al. (2011) que procura verificar o CME em crianças com desvio fonológico e comparar os valores obtidos com o padrão de referência no Brasil, o valor de CME em palavras previsto é de 6,38, segundo Castro (2000) é de 5 palavras por frase para a língua portuguesa e segundo Andrade (2008) é de 6 palavras por frase também para a língua portuguesa. O valor descoberto pela pesquisadora é de 5,75 palavras por frase, encontrando-se mais díspar do valor referenciado pelo primeiro autor mas dentro do esperado pelos restantes, ou seja, mais próximo dos dados referidos pelos autores portugueses.

O valor de CME em palavras encontrado neste estudo referente aos 5 anos de idade é de 6,63 palavras por frase e, segundo Albiero, et al. (2011) o valor esperado nesta faixa etária é de 6,80 palavras por frase. Os valores anteriormente referidos apresentam-se semelhantes, contudo Andrade (2008) defende que aos 5 anos de idade o valor previsto é de 8 palavras por frase, o que representa alguma disparidade em relação aos números já apresentados. Neste caso o valor obtido pela investigadora encontra-se mais próximo do que é referenciado na bibliografia brasileira.

No que concerne à análise estabelecida entre o CME em morfemas e em palavras e a idade, esta foi efetuada através da correlação de Spearman. Constatou-se que a correlação é positiva e estatisticamente significativa, sendo que este aspeto já seria esperado pelo facto de, tal como anteriormente já mencionado, o desenvolvimento da linguagem seguir ordem evolutiva (Sandri, et al., 2009). Neste caso pode então depreender-se que o CME possui tendência de expansão com o aumento da idade.

Para estimar se o sexo do avaliado se relaciona com o CME em palavras e morfemas, foi utilizado o teste de Mann-Whitney, contudo não se conseguiu obter significância estatística nessas relações. Apesar de muitos autores comprovarem, com base em diferentes estudos, a presença de maiores habilidades comunicativas e linguísticas em crianças do gênero feminino, tal como no estudo levado a cabo por Isotani, et al. (2009) que procura verificar a influência do sexo na produção de palavras e no CME, nesta pesquisa não foi verificada a influência desta variável nos valores de CME.

Para relacionar o grau acadêmico dos progenitores e os valores obtidos, foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis para comparações múltiplas. Não foi possível afirmar que existe uma relação estatisticamente significativa entre o CME em morfemas e palavras e esta variável. Também no estudo de Isotani, et al., (2009) a relação entre o grau acadêmico e o CME não foi verificada, contudo nesta pesquisa não foi levado em conta o grau de escolaridade superior dos pais mas sim a escolaridade materna.

No que diz respeito ao questionário sociodemográfico desenvolvido e aplicado, optou-se por não realizar qualquer questão relativa à frequência em Terapia da Fala. Desta forma foi possível analisar pela maioria, independentemente de ser, ou não, assistido nesta valência.

V. CONCLUSÃO

A detecção de défices de linguagem em idade pré-escolar aumenta significativamente a probabilidade dessas características não se prolongarem por um longo período de vida do indivíduo.

Neste seguimento, o CME permite obter informações sobre o desenvolvimento linguístico de crianças sugerindo possíveis défices de linguagem (Isotani, et al., 2009) e existem autores a defender que esta medida pode vir a ser o mais importante critério para avaliar o progresso de uma criança na realização da linguagem adulta (Margaret Morse Nice, 1925, cit. in Rice, 2006). Contudo, é importante enfatizar que o cálculo de CME não pode ser encarado como o único critério para estabelecimento de um diagnóstico clínico, mas sim como uma medida que possibilita o seu complemento (Hubner, 2010).

No que diz respeito aos valores de CME encontrados, foram obtidos resultados distintos para as diferentes faixas etárias e para as duas medidas em questão (CME em palavras e em morfemas). Pode concluir-se que os valores de CME em palavras apresentam-se maiores que os valores de CME em morfemas e que estes têm tendência de aumentar com a idade.

As dificuldades frequentemente encontradas neste tipo de estudo/pesquisa são “a dependência contextual das produções, o tempo gasto com a coleta, codificação e análise dos dados” (Lopes-Herrera, 2008). Neste caso específico as dificuldades sentidas prenderam-se com o facto de por vezes ser difícil existir a perceção por parte do avaliador no que diz respeito à separação das frases (início e fim), conduzir a criança na direção correta para que o vocábulo pretendido fosse nomeado, realizar a adaptação dos critérios para cálculo de CME em morfemas e palavras para a língua portuguesa, efetuar a contagem dos morfemas nas frases, visto que os dados recolhidos se mostraram muito heterogéneos e o facto da coleta de dados se mostrar mais demorada do que inicialmente estava previsto. Numa fase inicial, o tempo calculado para a avaliação de cada criança seria de 20 minutos, contudo em alguns casos ultrapassou o dobro do tempo estimado, dependendo da colaboração e empenho demonstrados pelo avaliado e da relação de empatia estabelecida entre a criança e a investigadora.

As futuras investigações relacionadas com o CME devem conter um maior tamanho amostral, para obter ainda com mais certezas a relação entre a escolaridade dos pais e o sexo dos avaliados, visto que na pesquisa em questão tal não se mostrou relacionável e basearem-se noutras faixas etárias, uma vez que esta se revelou uma medida evolutiva e seria interessante existirem mais dados pelos quais os cuidadores, terapeutas da fala, educadores de infância, entre outros se pudessem orientar na tentativa de detetarem o mais precocemente possível défices que possam existir. Existem também outras variáveis que poderiam ser relacionadas com o CME, como por exemplo, o peso ao nascimento, o nascimento prematuro, o índice de APGAR, as profissões dos pais, a posição na fratria, entre outros, sendo que estes são encarados por vários autores como sendo fatores de risco ao desenvolvimento da linguagem da criança.

VI. BIBLIOGRAFIA

Albiero, J. K., et al. (2011). Média dos valores da frase em crianças com desvio fonológico evolutivo, *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 16(4), pp. 430-5

Andrade, F. (2008). *Perturbações da linguagem na criança – análise e caracterização*. Universidade de Aveiro, Comissão Editorial

Befi-Lopes, D. M., et al. (2012). Relação entre a porcentagem de consoantes corretas e a memória operacional fonológica na alteração específica de linguagem, *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 17(2), pp. 196-200

Bishop, D. et al. (2002). *Desenvolvimento da linguagem em circunstâncias excepcionais*. Rio de Janeiro, Livraria e Editora Revinter, Ltda.

Castro, S. L. et al. (2000). *Dificuldades de Aprendizagem da Língua Materna*. Lisboa, Universidade Aberta.

Fortin, M. F. (2003). *O processo de investigação – da concepção à realização*. 3ª ed. (1ª ed. 1999). Loures, Lusociência.

Fortin, M. F. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Loures, Lusodidacta.

Franco, M. G. et al. (2003). *Comunicação, linguagem e fala – perturbações específicas da linguagem em contexto escolar*. Lisboa, Ministério da Educação

Goldfeld, M. (1998). *Fundamentos em Fonoaudiologia – linguagem*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan S. A.

Gomes, Inês, et al. (2006). Avaliação da Articulação em Português Europeu: As provas sons em palavras e estimulação do teste CPUP. *In: Machado, C. et al. Actas da XI*

Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos. Braga, Universidade do Minho, Psiquilíbrios Edições.

Grecco, N. A. G. (2011). O MLU como ferramenta de análise da escrita de jovens aprendizes. *Anais do VII Congresso Internacional da Abralín*. Curitiba

Hamaguchi, P. (2001). *Childhood Speech, Language & Listening Problemas: What Every Parent Showld Know*. New Jersey, John Wiley & Sons, Inc.

Hubner, E. P. (2010). Input Materno e aquisição da linguagem: análise das díades comunicativas entre mães e filhos, *Boletim de Psicologia*, Vol. LX, nº 132, pp. 029-043

Isotani, S. M. et al. (2009). Linguagem expressiva de crianças nascidas pré-termo e termo aos dois anos de idade, *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, 21(2), Abr-Jun, pp. 155-60

Kristeva, J. (2007). *História da Linguagem*. Lisboa, Edições 70

Lopes-Herrera, S. A. et al. (2008). O uso de habilidades comunicativas verbais para aumento da extensão de enunciados no autismo de alto funcionamento e na síndrome de Asperger, *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, 20 (1), Jan. – Mar., pp. 37-42.

Maia, J. M. D. et al., (2005). Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área, *Temas em Psicologia*, Vol. 13, nº2, pp. 91-103.

Marques, S. F. et al. (2011). A extensão média de enunciado (EME) como medida do desenvolvimento de linguagem de crianças com síndrome de Down, *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 23(2), pp. 152-7

Nunes, C. (2001). *Aprendizagem activa na criança com multideficiência*. Lisboa, Departamento da Educação Básica

Pedrosa, C. et al. (2004). Perturbações da fala e da linguagem, *Revista do Hospital de crianças maria pia*, vol. XIII, nº4, pp.337-341

Peña-Casanova, J. (1997). *Manual de Fonoaudiologia 2ª Edição*. Porto Alegre, Artmed

Rice, M. L. et al. (2006). Mean Length of Utterance in Children With Specific Language Impairment and in Younger Control Children Shows Concurrent Validity and Stable and Parallel Growth Trajectories, *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, Vol. 49, pp. 793-808.

Sandri, M. A., et al. (2009). Perfil comunicativo de crianças entre 1 e 3 anos com desenvolvimento normal de linguagem, *Revista CEFAC*, 11(1), Jan.-Mar., pp. 34-41

Scherer, S. et al. (2002). Perfil evolutivo da relação type/token de crianças de 3 a 5 anos de idade, *Revista CEFAC*, nº4, pp. 223-228

Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. Lisboa, Universidade Aberta

V. ANEXOS

Anexo 1:

Consentimento informado à instituição

Exmo. (a) Diretor(a) do Centro Social e Paroquial

Consentimento Informado Institucional

Cátia Félix, Isabel Lourenço e Sandra Silva, alunas da Universidade Fernando Pessoa, estão a realizar o projeto de graduação para conclusão da Licenciatura em Terapêutica da Fala, com o objetivo de avaliar a fala e a linguagem de crianças em idade pré-escolar e pretendemos, através desta carta, requerer a sua permissão para a realização da nossa investigação.

Este estudo basear-se-á na análise do discurso do participante, induzido pela visualização de imagens, com a duração de aproximadamente 20 minutos, sujeito a gravação áudio e na recolha de alguns dados sócio-demográficos.

Todo o trabalho de recolha será efetuado pelas autoras do estudo e será mantido o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados recolhidos.

A recolha de dados só será realizada mediante a autorização dos encarregados de educação e estaremos inteiramente à disposição para qualquer esclarecimento adicional que julgue necessário.

Aguardamos a sua resposta e agradecemos, desde já, a atenção dispensada com este assunto.

Com os melhores cumprimentos,

Anexo 2:

Consentimento informado aos Encarregados de Educação

Consentimento informado – Encarregados de Educação

Cátia Félix, Isabel Lourenço e Sandra Silva, alunas da Universidade Fernando Pessoa, estão a realizar o projeto de graduação para conclusão da Licenciatura em Terapêutica da Fala, com o objetivo de avaliar a fala e a linguagem de crianças em idade pré-escolar

Este estudo basear-se-á na análise do discurso do participante, induzido pela visualização de imagens, com a duração de aproximadamente 20 minutos, sujeito a gravação áudio e na recolha de alguns dados sócio-demográficos.

Todo o trabalho de recolha será efetuado pelas autoras do estudo e será mantido o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados recolhidos.

A recolha de dados só será realizada mediante a sua autorização e que estaremos inteiramente à disposição para qualquer esclarecimento adicional que julgue necessário.

Antecipadamente agradecemos a sua compreensão e colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

Eu _____ autorizo a participação do meu educando _____ no estudo em questão.

___/___/_____

Assinatura,

Anexo 3:

Exemplo de folha de registo do *Teste de Articulação CPUP: Sons em Palavras*

TESTE DE ARTICULAÇÃO CPUP: SONS EM PALAVRAS – Versão revista e ampliada
(Inês Gomes, São Luís Castro e Eva Bolle Antunes, no prelo)

Folha de Registo

Nome:				Data:	
Data de Nasc.:	Idade:	<i>anos,</i>	<i>meses</i>	Género:	Avaliador:

Instruções ao sujeito: Vou-te mostrar umas imagens e tu vais dizer-me o que é, está bem? Estás a ver esta imagem? [mostrar a primeira figura – Lua] Isto é a ...

Registo: Transcrevem-se as respostas da criança, excepto nos casos seguintes: quando esta for uma resposta correcta (isto é, uma articulação da palavra-alvo de acordo com o modelo adulto), caso em que se assinala com “√”; uma ausência de resposta, assinalando-se com “-”; ou uma resposta ininteligível, assinalando-se com “?”. Em todas as outras situações de resposta da criança é feita a transcrição fonética.

Placa	Alvo	Resposta		Placa	Alvo	Resposta	
		E (Espontânea – com ou sem pista contextual)	R (repetição após modelo)			E (Espontânea – com ou sem pista contextual)	R (repetição após modelo)
1	lua			18	peixe		
	dedo			19	espinha		

Anexo 4:

Autorização de um dos autores para uso de imagens

Ex^{mo} Professor Doutor Mehmet Yavas

Somos alunas de Terapia da Fala da Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal. No âmbito do projeto final de curso, gostaríamos de pedir autorização para utilizar 3 das imagens, com algumas adaptações, presentes no livro “*Avaliação Fonológica da Criança – Reeducação e Terapia*”, com o objetivo de avaliar a extensão média do enunciado, percentagem de consoantes corretas e desvios de fala em crianças dos 3 aos 6 anos de idade.

Uma vez que não possuímos o contacto das restantes autoras, solicitamos que nos ceda o contacto das mesmas, para efetuar o pedido de autorização, caso seja também necessário.

Aguardamos uma resposta o mais breve possível ao exposto, e agradecemos desde já o tempo dispendido com o assunto, caso desejem poderemos posteriormente enviar os resultados obtidos.

Com os melhores cumprimentos,

Cátia Félix

Isabel Lourenço

Sandra Silva

Prezadas Profa. June e Isabel Maria, bom dia.

De acordo com a legislação brasileira, a utilização de conteúdos (pequenos trechos ou imagens) de livros publicados no Brasil, desde que com as devidas referências e para fins pessoais (ou acadêmicos), não constitui ofensa aos direitos autorais. Vejam o que diz a Lei 9.610/1998 (Lei do Direito Autoral):

[...] Art. 46. Não constitui ofensa aos direitos autorais: II - a reprodução, em um só exemplar de pequenos trechos, para uso privado do copista, desde que feita por este, sem intuito de lucro; III - a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra;

Assim, desde que o texto que está sendo produzido não seja explorado comercialmente (publicado por alguma editora), não há que se falar em autorização para a finalidade descrita na solicitação enviada.

Abraços, Adriano Eliseu Giachini

Coordenador de Direitos Autorais | Rights Dept Coordinator |

+55 51 3027 7042 | Fax: +55 51 3027 7058 |

Grupo A | www.grupoa.com.br

Porto Alegre | RS | Jerônimo de Ornelas, 670 | 90040-340 | Brazil

Comprimento Médio de Enunciado em palavras e em morfemas de crianças entre os 3 e os 5 anos de idade

Dear Catia, Isabel & Sandra,

Here it is. Good luck!

Dr. Mehmet Yavas

Professor

Linguistics Program

Florida International University

University Park Campus

Miami, FL 33199

Office: DM 468A

Phone: 305-348-2992

Fax: 305-348-3878

<http://linguistics.fiu.edu/myavasweb.htm>

Anexo 5:

Exemplo das folhas de registo da avaliação do discurso dirigido e pistas para induzir a nomeação